

COLLIN DE PLANCY, Jacques Albin Simon. *Dicionário Infernal: repertório universal*. São Paulo, Edusp, 2019. 944 p.
ISBN 139788531417344

Obra mais conhecida de Jacques Albin Simon Collin de Plancy, o *Dicionário Infernal* apresenta-se como expressão do pensamento romântico na França pós-napoleônica. Collin de Plancy nasceu em 1793, durante o processo revolucionário, e foi profundamente influenciado pela literatura iluminista, expressa no caráter enciclopedista de sua produção, notável ainda no *Dicionário Feudal* e no *Dicionário Crítico de Relíquias*, por exemplo. Collin apresenta-se como um colecionador de informações, vasculhando os arquivos mais diversos para constituir seus catálogos, organizando e sintetizando de forma didática não apenas aquilo que poderia ser considerado útil, mas, igualmente, aquilo que ele avaliava como curioso.

Publicado pela primeira vez em 1818, o *Dicionário Infernal* conheceu uma série de republicações, adquirindo considerável reconhecimento e popularidade. Sua organização racionalizada aos moldes enciclopedistas sugere uma preocupação com facilitar o acesso e a circulação de um conhecimento que traria consigo a possibilidade de desenvolvimento da civilização. Contudo, a essência da obra se contrapõe às expectativas geradas por essa aparência. As informações a que se tem acesso, num mundo prático, não veiculam nenhuma informação que pudesse elevar a humanidade a um novo patamar do conhecimento científico; afinal, trata-se de um compêndio de dados sobre demônios, monstros e criaturas mágicas, feiticeiros e alquimistas, papas heréticos e reformistas, lugares fantásticos e amuletos e assim por diante.

Ora, tivesse sido produzida três séculos antes, obra como essa ganharia talvez lugar de destaque no alfarrábio de algum doutor da Igreja ou de um exorcista ou inquisidor experiente, sendo levada muito a sério como ferramenta para o exercício de seu ofício; entretanto, quando Collin de Plancy produz seu *Dicionário Infernal*, o escopo de intencionalidades e o horizonte de recepção são em tudo distintos. Collin de Plancy não desejava apenas informar seu público, alterado pela maciça difusão do escrito entre as camadas mais baixas da população ao longo dos séculos precedentes, mas também entretê-lo, diverti-lo, espantá-lo e (por que não?) atizar o seu espírito. Collin de Plancy conhecia seu público e sabia que o exótico e o grotesco exerciam forte apelo sobre ele.

Arnold Hauser, em sua *História Social da Arte e da Literatura*, ao tratar do maneirismo, sugere que essa expressão da arte não se limite a designar apenas determinada forma histórica, localizada na transição do Renascimento para o Barroco, mas que seja tomada por característica própria de todo momento de transição artística, em que os espíritos mostram-se atribulados, levando à decadência de um modelo estabelecido e um fascínio pelo grotesco. Nesse sentido, o Mal do Século romântico contém em si os elementos grotescos maneiristas que Collin de Plancy registra de modo eficaz, transitando entre a descrição científica racionalizada e a poesia fantástica que põe a nu o desejo do homem do século XIX de poder apavorar-se com um medo que ele mesmo julga irracional.

A obra de Collin de Plancy é contemporânea do *Frankenstein* de Mary Shelley, de *Carmilla* de Sheridan la Fanu, d'*O Corvo* de Edgar Allan Poe e, é claro, do *Drácula* de Bram Stoker. Mesmo que nenhum leitor do *Dicionário Infernal* acreditasse na existência de nenhuma das criaturas ali descritas, o pulsar do coração ao apagar as últimas velas

FLP22(1)

antes de dormir após ter folheado tais páginas era manifestação do tipo de experiência que se cultivava naquela quadra histórica.

O *Dicionário Infernal*, contudo, não é um romance, mas um catálogo de consulta, o que torna sua leitura bastante livre. Seu leitor pode passear pelos seus 3794 verbetes da forma que melhor lhe apetece, seja enquanto realiza outra leitura de tema adjacente e fica curioso em saber se a personagem Carmilla é mesmo um vampiro, já que ela é capaz de caminhar sob a luz do dia, então ele poderia consultar o verbete “Vampiros”, ou ainda “Upiros”, “Brucolacos” ou até “Vrucolacos”. Assim como qualquer outro dicionário ou enciclopédia, o *Dicionário Infernal* oferece uma experiência em vértice permanente: os verbetes se atraem em uma leitura aberta a um tecer perpetuante de sequências por meio de remissões explícitas ou implícitas bem como por associações livres de ideias geradas em contato com a experiência do leitor.

Nem todos os verbetes fazem remissões explícitas, mas o leitor pretendido original, a quem Collin de Plancy buscou atingir, era um leitor exposto a esse vocabulário exótico na literatura romântica que consumia cotidianamente e, provavelmente por isso, o autor não se preocupou em catalogar minuciosamente a grande carta de sinônimos. Quando o leitor, por exemplo, acessava um termo mais rebuscado ou menos utilizado, como “Licantropia”, descobria, em breves quatro linhas, que a expressão se refere à arte de transformar-se em lobo a partir de uma maldição, mas ia direcionado ao verbete “Lobisomens”, onde podia se alongar, por duas páginas e um quarto, em muitos detalhes sobre como a maldição se processa, como a prevenir ou mesmo como combater um lobisomem que o ameace.

O panteão catalogado por Collin de Plancy mostra-se bastante vasto, mas é dotado de uma predileção especial pelo Oriente, outra característica própria do Romantismo. Os monstros sugadores de sangue das mitologias eslavas, portanto, não são os únicos a projetar suas sobras sobre as páginas da obra. Uma personagem tão fascinante quanto a Baba Yaga recebe uma descrição bastante modesta, limitada a sua aparência física e a uma comparação com outro ser mais conhecido do público, a bruxa Belona, possivelmente porque o mundo exótico que estimulava as mentes dos leitores europeus estivesse mais a Leste, no mundo árabe e islâmico.

Múltiplos gênios perversos, demônios e estudiosos do ocultismo preenchem as páginas do *Dicionário Infernal*. A prática da Cabala como seita exotérica judaica bastante difundida na Europa do XIX fornecia sem dúvida estímulo para o leitor se enveredar por esses conhecimentos mágicos, com destaque para o verbete “Abracadabra”, onde o autor descreve a construção de um amuleto usando dessa palavra cabalística. Aliás, nossos contemporâneos leitores da popular saga de Harry Potter talvez se sentissem mais estimulados a ler esse verbete se soubessem que a terrível maldição da morte “Avada Kedavra” nada mais é que uma construção primitiva do popular “Abracadabra”. Eis, então, que o *Dicionário Infernal* poderia ganhar, atualmente, um novo status de literatura popular diante do grande fenômeno pop dessa literatura jovem que envolve o fantástico da bruxaria, da mitologia e até mesmo as visões adaptadas de anjos e demônios das distopias literárias adolescentes contemporâneas. É, afinal, justamente, captando os medos conhecidos e apresentando os medos desconhecidos que Collin de Plancy trabalha sua obra como um objeto midiático disfarçado de material científico e enciclopédico.

O autor não deixa de explorar também os medos domésticos: aqueles que povoavam o imaginário popular de seus contemporâneos havia muitos séculos e que

se mantinham especialmente presentes nos contos populares narrados às crianças em perpétua variação pelos adultos que agrupavam os pequenos em torno da lareira antes de colocá-los para dormir. Dessas histórias como a do “Judeu Errante” ou do exército furioso guiado por “Hellequim”, figuras pouco conhecidas deste lado do Atlântico, mas que poderiam muito bem fazer par com o nosso “Velho do Saco” que, infelizmente, não se encontra no *Dicionário Infernal*. Não que Collin de Plancy tenha ignorado de todo as criaturas fantásticas do Novo Mundo, como se pode perceber nos verbetes sobre “Tupã” ou sobre a “Caipora”, mas é dos seres fantásticos do Velho Mundo que efetivamente engrossa o caldo de seu mundo fantástico. No mesmo verbete de “Hellequim”, encontramos remissão ao verbete “Hela”, personagem germânica que abre o caminho de remissões e associações mais livres para os mitos nórdicos, como “Odin”, “Loki” ou “Thor”, caracterizados com os mesmos ares demoníacos expressos em outros verbetes.

A demonização das entidades alheias ao cristianismo relaciona-se diretamente à experiência religiosa de Collin de Plancy. Collin era católico. É importante destacar que o título da obra é *Dicionário Infernal*, e não *Dicionário Mítico* ou *Dicionário Fantástico*. O uso da palavra “infernal” no título ganha um grande peso quando levamos em consideração que aquilo que é descrito nos verbetes serve para apresentar sobretudo as entidades do mal, apesar de haver no dicionário uma longa descrição sobre os “Anjos”. Cabe aqui reconhecer que o verbete sobre os “Anjos” toma muito mais espaço descrevendo que tais criaturas fantásticas também são reconhecidas por judeus, islâmicos e zoroastristas e que o próprio Deus teria permitido aos anjos socorrerem judeus ou islâmicos, dando a entender esses mensageiros divinos seriam de usufruto preferencial dos cristãos, a única religião realmente positiva, nessa leitura do católico autor. O mesmo verbete serve para revelar que os demônios que povoam a Terra têm origem nos anjos caídos, derrubados do Paraíso junto com Lúcifer que, obviamente, possui seu verbete também nesse dicionário.

A experiência católica de Collin de Plancy também se expressa quando o autor constrói os verbetes que descrevem as rupturas na trama do cristianismo. No longo verbete sobre “Lutero”, o autor não poupa insinuações que levem o leitor a reconhecer o reformista como um pecador dado a falhas morais como a gula, a luxúria ou a soberba, ou sobre o seu destino após a morte, quando afirma que, ao exumarem seu corpo, do túmulo exalava forte odor de enxofre. Afirmações semelhantes se encontram nos verbetes que se referem a “Calvino” ou a “Alan Kardec”. Todavia, quando aponta personagens ligados à Igreja Católica, como no caso de “Leão III”, o papa pecador mostra-se como alguém que teve sua perversão causada por entidades externas, como judeus cabalistas.

O *Dicionário*, portanto, não trata apenas de criaturas mitológicas das culturas, mas aborda também um conjunto de personagens históricas reais, nem todas ligadas diretamente a um grupo religioso: há uma lista considerável de reis, rainhas e nobres, com evidente destaque para figuras ligadas à história francesa. Da mesma forma que os religiosos, essas personagens, quando não possuíam uma perversão própria que as levava ao caminho do pecado, eram influenciadas pela ação de um agente externo reconhecidamente pervertido. Dentre esses agentes de degeneração moral, o judeu mostra-se bastante recorrente, em especial o judeu cabalista, retratado de forma especialmente negativa. Há, portanto, um veio antissemita que permeia o *Dicionário Infernal*, preconceito social nada mais que esperável na sociedade de Collin de Plancy.

Para Collin de Plancy, não são apenas pessoas que podem ser pervertidas pela ação maléfica dos agentes do mal; as ideias também podem ser pervertidas desde que afastem os homens de uma relação íntima com a divindade. Destaca-se aí o curioso verbete “Comunismo”, que o autor relaciona com a filosofia de Jean-Jacques Rousseau, apresentando-o como um humanismo radical cuja valorização extremada da humanidade tendia a afastar o homem da sua relação com Deus, o que, para ele, significava, necessariamente, aproximar-se do mal. A racionalização da moral em Collin de Plancy é tão radical quanto o humanismo que ele acusa em Rousseau.

O posicionamento social e religioso do autor, entretanto, não o colocou nas graças da Igreja Católica, mas, ao contrário, o fato de ter produzido uma obra desse tipo o tornou mal quisto entre os grupos mais conservadores tanto das camadas eclesásticas como entre os leigos. Produzir um catálogo das forças infernais podia ser entendido como uma propaganda da perversão e de encaminhamento de mentes mais sugestionáveis às práticas do mau caminho. O *Dicionário Infernal*, apesar de sua popularidade, ou talvez por causa dela, tornou-se, em sua época, objeto de debate, censura e desejo, pois conseguiu condensar em si, ao mesmo tempo, a racionalização científica do conhecimento com a fantasia sedutora da arte, o fascínio pelo exótico exuberante do Oriente com o grotesco monstruoso daquilo que se opõe à realidade cotidiana.

Esta obra mostra-se, portanto, como o espelho de uma sociedade em conflito maneirista: se valoriza a razão iluminista, o humanismo e o individualismo que reconhece a aptidão de qualquer indivíduo para atingir a verdade pela participação no esforço coletivo da investigação, produz organicamente sua própria contradição, ao reconhecer que os frutos do avanço social e científico produzido tiveram como reflexos revoluções sangrentas e impérios opressores que esmagaram os espíritos. Nada mais exemplar para explicitar o conflito que o monstro. O monstro é a imagem deformada de nós mesmos. Não aquilo que somos, mas aquilo que nossas potencialidades nos permitem vir a ser, e isso nos assusta. A criatura maléfica não está escondida nas sombras sob a cama, mas dentro de cada indivíduo, pois, se até mesmo o papa, escolhido por Deus como seu representante entre os homens, pode ser pervertido pelos agentes do caos, o que resta a nós? É costurando essas ideias que o *Dicionário Infernal* de Collin de Plancy se mostra como uma fonte complexa: um tratado científico, uma obra de arte, uma fonte de entretenimento, um guia de curiosos – expressão e ingrediente da mentalidade de uma época.

Marcelo Modolo*
Universidade de São Paulo

Fábio Garcia Dias**
Rede Escolar Sesi

* Professor Doutor do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, e bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq – nível 2 (processo número 308793/2019-6); modolo@usp.br

** Professor da Rede Escolar Sesi, São Caetano do Sul, SP, Brasil, e mestrando em Filologia e Língua Portuguesa pelo Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo; fabiogdias@gmail.com